



A Paróquia

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES



Subscreva a newsletter em
www.paroquiadetiress.org

Ano III - N.º 16

28 DE ABRIL DE 2019

II DOMINGO DE PÁSCOA

DOMINGO DA DIVINA MISERICÓRDIA

A Igreja celebra o segundo domingo da Páscoa ou da Divina Misericórdia. Neste número do boletim, transcrevemos dez elementos acerca deste dia:

1. O domingo da Misericórdia baseia-se em revelações privadas

Esta celebração acontece no segundo domingo da Páscoa. Baseia-se nas revelações privadas a Santa Faustina Kowalska, religiosa polaca que recebeu as mensagens de Jesus sobre a sua Divina Misericórdia na região de Plock, na Polónia.

2. Faz parte do calendário da Igreja pela ação de São João Paulo II

No ano 2000, o Papa João Paulo II canonizou a Santa Faustina e, durante a celebração, declarou: "É importante, então, que acolhamos inteiramente a mensagem que nos vem da palavra de Deus neste segundo domingo de Páscoa, que de agora em diante na Igreja inteira tomará o nome de 'Domingo da Divina Misericórdia'" (Homília, 30 de abril de 2000).

3. Esta revelação privada tem efeitos válidos na liturgia

No seu comentário teológico sobre a mensagem de Fátima, o então Cardeal Joseph Ratzinger, agora Papa Emérito Bento XVI, escreveu: "Podemos acrescentar que frequentemente as revelações privadas provêm da piedade popular e nela se refletem, dando-lhe novo impulso e suscitando novas formas. Isto não exclui que tenham também influência na própria liturgia, como o demonstram por exemplo a festa do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração de Jesus".

4. A Igreja convida a celebrar a Divina Misericórdia de várias formas

Entre outras coisas, oferece uma indulgência plenária: "Para fazer com que os fiéis vivam com piedade intensa esta celebração, o mesmo Sumo Pontífice (João Paulo II) estabeleceu que o citado domingo seja enriquecido com a Indulgência Plenária", "para que os fiéis possam receber mais amplamente o dom do conforto do Espírito Santo e desta forma alimentar uma caridade crescente para com Deus e o próximo e, obtendo eles mesmos o perdão de Deus, sejam por sua vez induzidos a perdoar

imediatamente aos irmãos" (Decreto da Penitenciária Apostólica de 2002).

5. A imagem da Divina Misericórdia foi revelada pelo próprio Jesus

Esta imagem foi revelada a Santa Faustina em 1931 e o próprio Jesus lhe pediu que a pintasse. De seguida, explicou-lhe o seu significado e o que os fiéis alcançarão com ela.

Na maioria das versões, Jesus mostra-se levantando a sua mão direita em sinal de bênção e apontando com a sua mão esquerda o peito do qual fluem dois raios: um vermelho e outro branco.



"O raio pálido significa a Água que justifica as almas; o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas (...) Feliz aquele que viver à sua sombra, porque não será atingido pelo braço da justiça de Deus" (Diário, 299).

Toda a imagem é um símbolo da caridade, do perdão e do amor de Deus, conhecida como a "Fonte da Misericórdia".

6. Esta devoção conta com orações particulares

O Terço da Divina Misericórdia é um conjunto de orações usadas como parte da devoção à Divina Misericórdia.

Costuma-se rezá-lo às 15h00 (momento da morte de Jesus), usando as contas do terço, mas com um conjunto diferente de orações. Primeiramente, reza-se o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo.

Depois, nas contas do 'Pai Nosso', diz-se: "Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e do mundo inteiro".

E nas contas da 'Ave Maria', reza-se: "Pela Sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro".

Ao final, deve-se rezar três vezes: "Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro".

7. A Divina Misericórdia está vinculada ao Evangelho do segundo domingo da Páscoa

A imagem da Divina Misericórdia representa Jesus no momento em que aparece aos discípulos no Cenáculo

- após a ressurreição -, quando lhes dá o poder de perdoar ou reter os pecados. Este momento está registrado em João 20,19-31, que é a leitura do Evangelho deste domingo.

A leitura é colocada neste dia porque inclui a aparição ao apóstolo Tomé (quando Jesus o convida a tocar nas suas chagas). Este evento ocorreu no oitavo dia depois da Ressurreição (João 20,26) e, por isso, é utilizado na liturgia oito dias depois da Páscoa.

8. Os sacerdotes têm um poder especial para administrar a Divina Misericórdia

Em João 20,21-23, afirma-se: "Novamente, Jesus disse: 'A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, também eu vos envio'. E, depois de ter dito isso, soprou sobre eles e disse: 'Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, eles lhes serão perdoados; a quem os não perdoardes, eles lhes serão retidos'".

9. A confissão é a ação da Divina Misericórdia até ao fim dos tempos

Jesus capacitou os apóstolos (e os seus sucessores no ministério) com o Espírito Santo para perdoar ou reter (não perdoar) os pecados.

Como estão facultados com o Espírito de Deus para fazer isso, a sua administração do perdão é eficaz: realmente elimina o pecado em vez de ser um símbolo de perdão.

10. Nas revelações privadas, Jesus dá suma importância à sua Segunda Vinda

Jesus promete regressar em glória para julgar o mundo no amor, como claramente diz no seu discurso do Reino, nos capítulos 13 e 25 de São Mateus.

Somente no contexto de uma revelação pública como é ensinado pelo Magistério da Igreja se pode situar as palavras da revelação privada dada à Irmã Faustina.

"Prepararás o mundo para a minha última vinda" (Diário, 429). "Fala ao mundo da Minha misericórdia, que toda a humanidade conheça a Minha insondável misericórdia. Este é o sinal para os últimos tempos; depois dele virá o dia da justiça. Enquanto é tempo, recorram à fonte da Minha misericórdia" (Diário, 848). "Fala às almas desta Minha grade misericórdia, porque está perto o dia terrível, o dia da Minha justiça" (Diário, 965). "Prolongo-lhes o tempo da Misericórdia, mas ai deles, se não reconhecerem o tempo da Minha visita" (Diário, 1160). "Antes do Dia da justiça envio o dia da misericórdia" (Diário, 1588). "Quem não queira passar pela porta da Minha misericórdia, tem que passar pela porta da Minha justiça" (Diário, 1146).

Fonte: 26 Abr. 19, ACI Digital

AGENDA PAROQUIAL

1. A Visita Pascal correu muito bem. Agradeço a todos aqueles que colaboraram, assim como o acolhimento nas Vossas casas.
2. Na próxima terça-feira, 30 de abril, pelas 21h15, haverá reunião da Equipa da Pastoral da Saúde (os inscritos).
3. No próximo domingo, 05 de maio, os catequizandos do 3.º volume da catequese farão a Festa da Primeira Comunhão na Eucaristia das 11h15.
4. A Peregrinação da Paróquia a Fátima realiza-se no dia 18 de maio. As responsáveis pelas inscrições são a D. Irene, D. Olga e D. Alzira.

Rito da paz

Segue-se o rito da paz, no qual a Igreja implora a paz e a unidade para si própria e para toda a família humana, e os fiéis exprimem uns aos outros a comunhão eclesial e a caridade mútua, antes de comungarem no Sacramento.

Quanto ao próprio sinal com que se dá a paz, as Conferências Episcopais determinarão como se há-de fazer, tendo em conta a mentalidade e os costumes dos povos. Mas é conveniente que cada um dê a paz com sobriedade apenas aos que estão mais perto de si.

Fracção do pão

O sacerdote parte o pão eucarístico. O gesto da fracção, praticado por Cristo na última Ceia, e que serviu para designar, nos tempos apostólicos, toda a acção eucarística, significa que os fiéis, apesar de muitos, se tornam um só Corpo, pela Comunhão do mesmo pão da vida que é Cristo, morto e ressuscitado pela salvação do mundo (1 Cor 10, 17). A fracção começa depois de se dar a paz e realiza-se com a devida reverência, mas não se deve prolongar desnecessariamente nem se lhe deve atribuir uma importância excessiva. Este rito é reservado ao sacerdote e ao diácono. Enquanto o sacerdote parte o pão e deita uma parte da hóstia no cálice, a schola ou um cantor canta ou pelo menos recita em voz alta a invocação Cordeiro de Deus, a que todo o povo responde. A invocação acompanha a fracção do pão, pelo que pode repetir-se o número de vezes que for preciso, enquanto durar o rito. Na última vez conclui-se com as palavras: Dai-nos a paz.

Comunhão

O sacerdote prepara-se para receber frutuamente o Corpo e Sangue de Cristo rezando uma oração em silêncio. Os fiéis fazem o mesmo orando em silêncio. Depois o sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico sobre a patena ou sobre o cálice e convida-os para o banquete de Cristo; e, juntamente com os fiéis, faz um ato de humildade, utilizando as palavras evangélicas prescritas.

Enquanto o sacerdote toma o Sacramento, dá-se início ao cântico da Comunhão, que deve exprimir, com a unidade das vozes, a união espiritual dos comungantes, manifestar a alegria do coração e realçar melhor o carácter «comunitário» da procissão daqueles que vão receber a Eucaristia. O cântico prolonga-se enquanto se ministra aos fiéis o Sacramento. Se se canta um hino depois da Comunhão, o cântico da Comunhão deve terminar a tempo. Procure-se que também os cantores possam comungar comodamente. Como cântico da Comunhão pode utilizar-se ou a antífona indicada no Gradual Romano, com ou sem o salmo correspondente, ou a antífona do Gradual simples com o respetivo salmo, ou outro cântico apropriado aprovado pela Conferência Episcopal. Pode ser cantado ou só pela schola, ou pela schola ou por um cantor juntamente com o povo.

Se, porém, não se canta, a antífona que vem no Missal pode ser recitada ou pelos fiéis, ou por alguns deles, ou por um leitor, ou então pelo próprio sacerdote depois de ter comungado e antes de dar a Comunhão aos fiéis.

Terminada a distribuição da Comunhão, o sacerdote e os fiéis, conforme a oportunidade, oram alguns momentos em silêncio. Se se quiser, também pode ser cantado por toda a assembleia um salmo ou outro cântico de louvor ou um hino.

Fonte: Secretariado Nacional de Liturgia